

QUAL O SENTIDO DO ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO BÁSICO? RELATOS E EXPERIÊNCIAS DE FUTUROS DOCENTES.

Nataly Caroline Lemos Oliveira*

Rita Castorina G. Gundim Lemes**

Silas Matos Lima***

José Santana da Silva****

Resumo:

O professor, na maioria das vezes, ao concluir sua formação acadêmica se encontra em uma realidade profissional totalmente diferente da vivida na Universidade. Quando ele então se depara, além das dificuldades relacionadas a sua desvalorização e baixa remuneração, com os problemas enfrentados na escola, que vão desde sua estrutura física e administrativa até a falta de vontade e/ou disciplina de alguns alunos, embalada por suas dificuldades de aprendizagem, o docente se vê preso a uma situação onde ele não acha meios para superar essas dificuldades e acaba, por vezes, abandonando sua prática de ensino, ou perdendo toda a sua motivação e interesse em ensinar. De outro lado, quando questionados, os alunos reclamam da falta de dinamicismo e contextualização das aulas de História, tomando os conteúdos ensinados como algo totalmente fora de sua realidade, uma vez que não há assimilação, do que é transmitido em sala, ao seu contexto atual. Dessa forma, não há como negar que o ensino escolar, mais especificamente a matéria de História vem há muito tempo caindo no desgosto de boa parte do público escolar em geral. Este artigo então, tem por objetivo analisar a prática docente na perspectiva do professor de História, almejando entender os desdobramentos no ambiente escolar, suas dificuldades e especificidades por meio do que foi visto durante o período de observação do estágio nas escolas públicas, buscando fundamentação através do que foi trabalhado nas aulas do ensino fundamental I e II, e na Educação de jovens e adultos (EJA) de colégios do município de Anápolis-GO.

Introdução

Este artigo procura fazer um panorama entre as dificuldades enfrentadas pelos professores na sua formação e prática docente, além de analisar os anseios e necessidades dos alunos quando o assunto é em busca de uma aprendizagem significativa. Partindo da premissa da experiência escolar de grande parte de ex-alunos no período da formação básica, é fácil que os recém-formados evoquem a memória de momentos e durante seu período como alunos da educação básica que demonstram que a disciplina História é, por vezes, identificada como chata, desinteressante, monótona e com frequência negligenciada, a ponto do discente não levar o conteúdo ensinado a sério.

* Graduada em História (licenciatura) no Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas da UEG.

** Graduada em História (licenciatura) no Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas da UEG.

*** Graduando em História (licenciatura) no Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas da UEG.

**** Doutor em História e professor no curso de História no Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas da UEG. Orientador de Estágio Supervisionado.

É visto também que os professores, ao ministrarem a matéria, se encontram num mar de dificuldades, onde, para aumentar o seu salário, veem-se obrigados a cumprirem cargas horárias exaustivas, o que acaba impedindo-os de proporcionar boas e inovadoras aulas. Há também os alunos, que, quando entram na escola e se deparam com um docente sem qualquer preparação ou motivação de ensinar, desistem da matéria atribuindo a ela o título de “chata”. De frente a essas situações enfrentadas por professores e alunos, buscaremos aqui, então, entender o porquê dessa matéria tão importante ter se tornando desinteressante para os discentes, e, em decorrência disso, qual o sentido de se ensinar História na educação básica?

Palavras chave: Educação, Ensino de História, Formação Docente.

Referencial Teórico

Ao falar sobre educação, Ribeiro (2013), afirma que ela compreende dois pontos indissociáveis. De um lado, é importante transmitir um saber socialmente relevante, que chegue de “fora para dentro”, e de outro, é preciso instigar o aluno a produzir o saber, extraindo dele respostas ativas. O saber precisa tornar o aluno apto a aprender e conhecer. Sendo assim, como afirma o autor, é essencial que professor não somente ensine o conteúdo proposto, mas que dê embasamento ao aluno para ser capaz de fazer sua própria pesquisa e assim, buscar uma autonomia em sua procura pelo conhecimento.

Caimi (2007, p.23), ao discorrer sobre o interesse e o aprendizado cita Piaget (2005, p.37), falando que o “o interesse é a orientação própria a todo ato de assimilação mental. Assimilar, mentalmente, é incorporar um objeto à atividade do sujeito, e esta relação de incorporação entre o objeto e o eu não é outra que o interesse”.

Ao falar sobre a percepção do ensino atual, Caimi (2007) atenta para a dualidade do descontentamento escolar, partindo tanto do professor quanto do aluno. De um lado, temos os professores que reclamam da falta de interesse e/ou respeito dos alunos, e, do outro, os discentes que anseiam por um uso do material didático de uma forma mais leve e facilitada. Ela ressalta que:

Os professores, de um lado, reclamam de alunos passivos para o conhecimento, sem curiosidade, sem interesse, desatentos, que desafiam sua autoridade, sendo zombeteiros e irreverentes. Denunciam, também, o excesso e a complexidade dos conteúdos a ministrar nas aulas de História, os quais são abstratos e distantes do universo de significação das crianças e dos adolescentes. Os alunos, de outro lado, reivindicam um ensino mais significativo, articulado com sua experiência cotidiana, um professor “legal”, “amigo”, menos autoritário, que lhes exija menos esforço de memorização e que faça da aula um momento agradável. (CAIMI, 2007, p. 18-19)

Um ponto de grande importância para o professor quando o assunto é educação é conhecer minimamente a realidade e o meio social em que seu aluno está inserido. Quando o

professor possui algum domínio a respeito dessas características, isso provavelmente o ajudará na hora da escolha dos temas a serem abordados na sala de aula. Bittencourt salienta a respeito da necessidade de uma representação social, ela fala que “o fundamental é identificar os conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, pela mídia, etc. que estejam solidamente enraizados, porque são uma construção pela qual o jovem ou a criança se apropriam do real, tomando-o inteligível”. Para a autora, essa representação ultrapassa a questão do ensino prático, ela também tem ação direta no meio social do seu aluno.

Já no que diz respeito a formação do professor, Caimi (2007) alerta sobre a necessidade da formação de um professor reflexivo, quando o assunto é o ensino na educação básica:

Entende-se [...] que um professor reflexivo seja capaz de investigar os problemas que se colocam no cotidiano escolar; de mobilizar conhecimentos, recursos e procedimentos para a sua superação; de avaliar a adequação das suas escolhas e, finalmente, de reorientar a ação para intervenções mais qualificadas no processo de aprendizagem dos alunos. (CAIMI, 2007, p. 28).

Metodologia

Para que houvesse uma melhor compreensão a respeito do tema, foram realizadas leituras de artigos para um embasamento teórico. O artigo foi elaborado inicialmente em decorrência de uma atividade do estágio que perguntava, como uma resposta à seguinte questão: “qual o sentido de se estudar História no ensino fundamental?” Os três autores que subscrevem este trabalho se sentiram desafiados a buscarem respostas junto aos próprios educadores e educandos da educação básica. Além disso, procuraram relatar algumas informações de suas próprias experiências vivenciadas durante o estágio.

Resultados e Discussões

Antes de abordarmos o assunto referente à educação na atualidade, é necessário realizar uma pequena análise de algumas das transformações que o ensino de História sofreu ao longo das décadas. Bittencourt (2011, p. 60) nos dá um panorama de como essas mudanças ocorreram. Segundo a autora, apesar de que o ensino de História sempre esteve presente nas escolas brasileiras, ele ganha importância a partir do século XIX. Inicialmente, era objeto de poucos estudos, mas a partir da década de 70 do século XIX, aumentaram a sua importância, como a matéria responsável por veicular uma ‘história nacional’, história essa que está presente nos currículos até hoje com algumas diferenças (BITTENCOURT, 2011).

O processo de aprendizagem no século XIX, como atenta Bittencourt (2011), é baseado na memorização, onde, em sua grande maioria, eram utilizados livros didáticos no

modelo do catecismo. A aprendizagem nesse século não era baseada no ensino da História contextualizada, ela se baseava no ensino mecanicista, que dava imensa importância à memorização de datas, fatos e nomes de personagens envolvidas nos acontecimentos. No entanto, Bittencourt (2011, p. 69) nos alerta que, na prática, parece ter prevalecido uma preocupação com “a decoração de nomes e datas dos grandes heróis e dos principais acontecimentos da história nacional”.

Já na década de 1960 do século XX, sob a ditadura militar, “o ensino foi colocado a serviço do regime ditatorial que propugnava a formação de cidadãos dóceis, obedientes e ordeiros” (NADAI, 1992, p. 158). Com o fim dessa ditadura, foram realizadas novas propostas curriculares. Segundo Nadai:

A totalidade das propostas é variada, complexa e diferenciada quanto ao conteúdo, método ou estratégias de ensino. Algumas caracterizam-se por sua natureza inovadora e progressista, outras pelo tom repetitivo e conservador. Todas, enfim, anseiam por superar a ficção da escolaridade obrigatória de oito anos. (NADAI, 1992, p. 158).

A transição de 1964-85 do ensino, no entanto, deixou algumas marcas na educação básica. Os métodos conservadores de memorização, autoritarismo e a falta do desenvolvimento de um senso crítico, ainda se encontra presente em grande parte dos professores na atualidade. Alguns, mais velhos, por conta de sua formação na ditadura ou em tempos antigos. Outros, mais jovens, por ainda se identificarem com essa educação baseada no conservadorismo.

Pensar os motivos pelos quais o ensino de História não é considerado o campo preferido dos professores, quando o assunto é educação básica, não é uma tarefa fácil. Do ponto de vista tanto dos docentes quanto dos pesquisadores, existem muitos aspectos que perpassam esta questão, tais como a desvalorização da figura do professor, enquanto funcionário público, a grande carga de trabalho, trazendo consigo pouco tempo para elaboração de aulas e estudos do profissional, a falta de recursos pedagógicos ou até mesmo tecnológicos nas escolas, dentre uma grande gama de fatores que estão ligados à atividade de ensino.

É bem comum ouvir queixas de alunos das mais variadas faixas etárias acerca da disciplina de História. Alguns, na maioria das vezes, a relacionam a repetição e memorização de datas ou períodos históricos numa visão linear, pouco reflexiva. A história onde cada período estudado parece “blocos isolados” no qual os alunos não veem importância em ser estudado, pois muitos dizem: “isso já passou, já acabou”, não conseguem ver a significância daquele momento para a história das sociedades atuais, muito menos para a sua própria.

Não é difícil se deparar com alunos que afirmam não conseguir entender os conteúdos, alegam que as aulas são “paradas” e sem estímulos, conforme Caimi (2007). Os professores reclamam dos alunos que não tem curiosidade, são desatentos, no entanto, em que muitas vezes o docente não se atenta para o fato de que em suas aulas não é dado qualquer estímulo para que haja uma participação dos discentes ou uma reflexão crítica a respeito do tema estudado. O professor, como um mediador do conhecimento, deve trazer novos métodos que despertem nos discentes a sede do conhecimento para que não se tornem cidadãos conformados. No entanto, o docente ao se deparar com a realidade escolar cai numa das questões colocadas anteriormente, a desvalorização dos professores, com suas cargas horárias excessivas, o que gera falta de tempo de preparação de boas aulas. A escola, muitas vezes, se torna um campo de batalha para os professores. Como as autoras a seguir afirmam:

Ensinar nos dias atuais se tornou um campo minado. Antes, qualquer pessoa formada em qualquer área podia entrar para a sala de aula e “dar” aulas, hoje não é ou não deve ser assim. As demandas e exigências para formação específica dos professores têm crescido a cada dia, e infelizmente, juntamente com elas o desrespeito por este profissional tem ficado cada vez mais evidente. (SANTOS; LIMA, 2011, p. 16).

No entanto, mesmo com essas dificuldades enfrentadas, ainda sim cabe ao professor, ressaltando o papel do responsável pela disciplina de história, garantir a formação crítica dos alunos para que a atual situação da educação possa ser resolvida. A disciplina de História deve proporcionar ao discente um meio de relacionar o presente ao passado, através dos planejamentos elaborados pelos próprios professores para as aulas, e pelo Plano anual de ensino que, no caso das escolas estaduais do estado de Goiás, chegam quase prontos nas escolas, limitando a liberdade do professor de escolher o que ensinar. Para que ocorra o planejamento das aulas a partir do que é estabelecido, o docente precisa de tempo, para antes conhecer os alunos e suas especificidades e as turmas nas quais vai trabalhar, para que esse plano seja elaborado de acordo com as características da turma, levando em conta suas facilidades e limitações.

Entretanto, é necessário reconhecer, que mesmo a disciplina não se apresentando de maneira muito convidativa, o passado, ou melhor, a contextualização histórica, não é um assunto totalmente alheio ao aluno da educação básica, uma vez que eles possuem acesso às várias mídias existentes hoje, que vão desde jornais, até informações em redes sociais e jogos, que muitas vezes podem ser utilizados pelos próprios professores, como modo de incentivar os discentes a respeito do conteúdo a ser ensinado. É importante destacar que os próprios “Parâmetros Curriculares Nacionais” (BRASIL, 1997) recomendam que o professor utilize materiais diversificados.

Enfim, é possível observar que a História faz parte, de uma maneira ou de outra, da história pessoal do indivíduo, uma vez que ela dá suporte ao mesmo para analisar situações criticamente. Pensar no ensino de História, num mundo marcado por invenções tecnológicas que demarcaram muito nossa sociedade é, antes de tudo, pensar na importância que ações, ocasiões e pensamentos tidos no passado tendem a enfatizar a realidade tanto do tempo presente quanto em relação ao futuro.

Ensinar História é proporcionar aos alunos a possibilidade de pensar e teorizar sobre as implicações do passado e como isso reflete, ou se parece com os paradigmas vivenciados nos tempos atuais. É uma maneira de propor um alargamento da visão, dando a ele a possibilidade de consultar autores para embasar suas visões, proporcionar a ele uma “fusão de horizontes” (GADAMER, 1998). Nesse contexto, é papel do professor despertar o interesse dos alunos a respeito não somente dos problemas enfrentados pelas populações nos séculos passados, mas também dar suporte ao aluno no que se refere aos problemas atuais, para que ele seja capaz de transformar a atual realidade. Isto é uma tarefa fácil? Sambemos que não, de maneira alguma. Caimi (2007) nos diz que essa preocupação em formar profissionais capacitados para educação básica tem sido objeto de pesquisa durante décadas, sendo assim, o artigo não tem a pretensão de sanar todas as dúvidas de um futuro professor, mas oferecer algumas dicas que podem ajudar .

A educação é sem dúvida um processo que, ao longo de sua história, passou por várias transformações, decorrentes de uma diversidade de fatores, culturais, sociais, tecnológicos e, principalmente, econômicos. Nesse mesmo sentido, a História e seu ensino evoluíram, uma vez que, na atualidade, as ciências e as artes tomaram novos rumos condizentes com a situação, a época e o contexto histórico em que estão inseridos. Segundo Bittencourt (2011), esta disciplina em sua trajetória foi negligenciada e reprimida em alguns momentos como na Ditadura Militar, quando História e a Geografia foram substituídas por Estudos Sociais, esvaziando seus conteúdos e objetivos.

Para que o professor se mantenha ativo e não caia nas jogadas dos detentores do poder, é uma tarefa nada fácil e cabe a ele que também esteja em constante aprendizagem e reflexão de sua prática pedagógica, pois só assim ele estará cumprindo sua função social como profissional comprometido com a profissão escolhida, quebrando os paradigmas e indo além das aulas meramente expositivas que resultam em monotonia, tendentes à saturação e à consequente falta de aprendizagem, conseguindo o então esperado no caso da disciplina de História que é questionar os diversos universos que passam uma sociedade seja ele econômico, social ou político.

Em relação ao ensino de História, no espaço escolar, evoluiu de modo considerável, em outras palavras, deve-se superar a ideia do aluno como sendo uma folha em branco ou uma “tábula rasa” (DEMO, 2000) Já que o tradicionalismo foi deixado de lado, abrindo espaço para um aluno sujeito da sua própria aprendizagem, o pensamento crítico passou a ser exaltado dentro das salas de aula em oposição ao ensino pronto e acabado que era despejado sobre os alunos, pois esse tipo de atitude não é mais aceitável no contexto atual que exige pessoas cada vez mais críticas a respeito da atual conjuntura da sociedade e que possam agir nela como um agente transformador, garantindo assim as mudanças necessárias que a educação precisa vivenciar, através de um ensino que corresponda aos desejos e aspirações dos alunos desde os anos iniciais até a concretização dos seus estudos.

Conclusão

Os alunos, quando chegam ao colégio, precisam ser olhados de forma empática pelos professores e gestores da instituição de ensino. A escola deve trabalhar junto com os discentes em busca de novos métodos, novas maneiras de inovações para aproximação do aluno das disciplinas e despertar no mesmo interesses até então adormecidos. A disciplina história tem um papel fundamental nesse processo, pois trata especificamente da formação do cidadão crítico, pensante, etc. Tais concepções estão presentes tanto nas leis de diretrizes e bases da educação até no PPP (projeto político pedagógico) presentes nas escolas.

Para concluir, trazemos um questionamento levantado por Caimi (2007): “Quais os saberes necessários à docência da História escolar?” Essa indagação é respondida por Bittencourt, quando fala a respeito de alguns campos que o professor e futuro professor precisam dominar: os principais conceitos de História, compreender os fundamentos teórico-metodológicos, a fundamentação de uma ação pedagógica reflexiva e transformadora, pois é através disso que nos permite compreender as transformações socioeconômicas, políticas e culturais, desenvolver valores e construir identidades.

Referências

- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Introdução. Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. *Lei de diretrizes e bases da educação: lei n° 9.394/96 – 24 de dez. 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.
- BITTENCOURT, C. M. F. “Conteúdos e métodos de ensino de história: breve abordagem histórica”. In: *O ensino de história: fundamentos e métodos*. 4ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011, p. 57-96.

CAIMI, Flávia Eloisa. *Por que os alunos (não) aprendem História?* Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Rio de Janeiro, Revista Tempo, v.11, nº 21, p. 17-32, julho, 2016.

DEMO, Pedro. *Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

NADAI, Elza. “O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva”. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, nº 25/26, set. 1992/ago. 1993, p. 143-162. Disponível em: <www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=30596>. Acesso em 01 de maio, 2017.

SANTOS, Vanda Almeida; LIMA, Joila Rodrigues de. “O ensino de história na educação infantil e series iniciais”. Projeto de Pesquisa, UEFs, licenciatura em pedagogia, 2011. Disponível em

:<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_files/ZtWNI8OJ.pdf>. Acesso em: 24 de abril, 2017.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

RIBEIRO, Jonatas R. História e ensino de História: Perspectivas e abordagens. Educação em Foco, Edição nº: 07, 2013. Disponível em: <http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/educacao_foco/artigos/ano2013/setembro/ensino_historia.pdf>. Acesso em 10 de maio, 2017.